



UM OLHAR PARA A SOCIEDADE DO SÉCULO XXI: CONTRIBUIÇÕES DA TEOLOGIA FEMINISTA E DA TEOLOGIA NEGRA

A LOOK AT TWENTY-FIRST CENTURY SOCIETY:
CONTRIBUTIONS OF FEMINIST THEOLOGY AND BLACK THEOLOGY

Taiana Luisa Wisch*
Lohan Schulz Tesch**

Resumo: Nos últimos anos, as discussões sobre negritude e gênero foram pautas em muitos ambientes, eventos e pesquisas acadêmicas; ainda assim, muitas pessoas continuam sendo vítimas de discriminações e violências que são motivadas por etnia e gênero. Ao analisar o contexto atual, especialmente aquele apresentado na mídia, é possível perceber que tais discriminações e violências não são atos isolados, mas desigualdades estruturadas na sociedade e que são manifestadas em preconceito, racismo e patriarcado. As contribuições da Teologia Feminista e Teologia Negra serão analisadas e apontadas como ferramentas importantes para a promoção e manutenção de espaços de fala, como denúncia de toda forma de opressão e exploração e, como anúncio da boa nova libertadora de Deus para todas as pessoas.

Palavras-chave: Gênero. Patriarcado. Negritude. Libertação.

Abstract: In recent years, discussions about blackness and gender have been on the agenda in many environments, events and academic research; Still, many people continue to be victims of discrimination and violence that is motivated by race and gender. When analyzing the current context, especially the one featured in the media, it is possible to perceive that such discriminations and violence are not isolated acts, but structured inequalities in society and that are manifested in prejudice, racism and patriarchy. The contributions of Feminist Theology and Black Theology will be analyzed and pointed out as important tools for the promotion and maintenance of spaces of speech, as a denunciation of all forms of oppression and exploitation, and as an announcement of the liberating good news of God for all people.

* Doutoranda em Teologia na Faculdades EST. E-mail: taiana.luisaa@gmail.com

** Bacharel em Teologia pela Faculdades EST, Pastor Luterano da IECLB. E-mail: lohan_s.tesch@yahoo.com.br

Keywords: Gender. Patriarchy. Blackness. Liberation.

INTRODUÇÃO

O final do século XX e início do século XXI marcaram importantes mudanças na academia e na forma como a sociedade se organiza, especialmente quando se analisa a situação das pessoas e grupos que vivem em situações de vulnerabilidade social. Um desses marcos foi desenvolvido por Joan Scott nos anos 80: a nova compreensão para a palavra 'gênero' em uma plural função de termo/conceito/categoria que buscou englobar muitos outros temas e discussões que já eram pautas em movimentos feministas, impulsionando debates sobre masculinidades, feminilidade, identidade, organizações sociais, diversidade, sexualidade, desigualdades e estudos *queer*. Ainda, "raça, etnia e origem, classe social, habilidades diferenciadas, geração, formação e quaisquer outras formas de diferenciação e distinção entre grupos sociais precisam ser também consideradas"¹.

A Teologia Feminista e a Teologia Negra, frutos desse período, trouxeram à tona assuntos que antes não faziam parte da agenda teológica, como discussões sobre desigualdades, negritude, violência, poder, sexualidade, corporeidade, diversidade, ecologia, direitos e afins². Além de debater sobre esses temas 'não-teológicos', a Teologia Feminista e a Teologia Negra assumiram o desafio de dialogar com as pessoas em situação de vulnerabilidade e ouvir as suas demandas, afirmando e reconhecendo que a teologia nasce no testemunho e experiência das pessoas que são perseguidas, das pessoas que sofrem e das pessoas que são oprimidas. Dessa forma, ambas as teologias assumiram a função de destronizar o estudo teológico das grandes estruturas de poder³.

Devido à grande luta desses grupos teológicos, movimentos sociais e pessoas pesquisadoras, o diálogo entre as pautas feministas, LGBTQIA+ e raciais está ganhando forma e voz nas ruas, na academia, nas igrejas e especialmente na mídia, outro produto que também marca a mudança entre os séculos XX e XXI. As mídias sociais estão sendo consideradas protagonistas no compartilhamento de informações e podem influenciar na construção de conhecimento, na formação de opinião pública, na manutenção de sistemas hierárquicos e na proliferação de crenças, mitos e ideais. Além disso, as mídias sociais são desenvolvidas por um

¹ MUSSKOPF, André S. Coisas do gênero. In: CASTRO, Amanda Motta Angelo; OLIVEIRA, Kathlen Luana de. **Desigualdade de gênero e as trajetórias latino-americanas**: reconhecimento, dignidade e esperança. São Leopoldo: Faculdades EST, 2014. p. 24.

² STRÖHER, Marga J. Teologia feminista e gênero – territorialidades, deslocamentos e horizontes. In: FÓRUM MUNDIAL DE TEOLOGIA E LIBERTAÇÃO, 3., 2009, Belém. **Comunicações [...]**. Belém: Centro Cultural Tancredo Neves, 2009. p. 507-517. p. 507.

³ PACHECO, Ronilso. **Teologia Negra**: o sopro antirracista do Espírito. Brasília: Novos Diálogos; São Paulo: Recriar, 2019. p. 8.



grupo restrito de pessoas que podem utilizar deste espaço para apresentar e divulgar posições, personagens, dados e valores que acabam sendo percebidos como cotidianos e universais pela grande parte da sociedade, mas que não representam a realidade da população, especialmente aquelas que vivem em situação de opressão.

Sendo assim, o presente artigo busca realizar uma análise crítica dos sistemas de discriminação e desigualdade a fim de identificar como as questões raciais e de gênero estão sendo divulgadas para a grande parte da população, através da coleta de informações e dados obtidos nas mídias sociais, visando denunciar as violências, opressões e injustiças que podem ser identificadas nesse meio e como essa área é capaz de influenciar, auxiliar e transformar a experiência das pessoas. Por fim, com as considerações propostas pelas teologias feministas e negras, o artigo propõe reflexões e contribuições que podem embasar possíveis mudanças sociais, atuando como anúncio de uma vida digna e justa para todas as pessoas.

PATRIARCADO E RACISMO

Inicialmente, é importante identificar a forma que a sociedade se organiza em nosso contexto e qual a relação das mulheres e das pessoas negras nesta estrutura, a partir dos conceitos do patriarcado e do racismo.

A religião teve um papel importante na legitimação desses sistemas organizacionais. Uma justificativa muito utilizada e muito antiga para a existência da hierarquia entre os gêneros, utilizada já nos primeiros séculos conforme observado em 1Tm 2,13-14⁴ e nos Códigos de Deveres domésticos (Cl 3,18-19; Ef 5,21-33; e 1Pe 3,1-7), é o relato da criação em que a mulher foi criada depois do homem (Gênesis 2,22), enganada e, supostamente, culpada pela queda (Gn 3,1-16) o que, juntamente com outros fatores, fez com que a mulher passasse a ser considerada inferior emocionalmente, fisicamente e intelectualmente e, por isso, subordinada ao homem⁵.

Em relação às pessoas negras na Bíblia, as citações são ainda mais raras e normalmente envolvem problemas gramaticais e de traduções, como o exemplo de Números 12,1-9, onde o termo hebraico 'preta' é traduzido por 'etíope'⁶. As narrativas bíblicas que relatam a experiência do povo hebreu durante o exílio e escravidão presentes no livro de Êxodo são semelhantes às experiências vivenciadas pelas pessoas negras. A Teologia Negra busca, neste aspecto, trazer uma nova forma de hermenêutica baseada na realidade de sofrimento e exclusão

⁴ As passagens bíblicas serão todas retiradas da seguinte versão: BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 3. ed. rev. e atual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. (Nova Almeida Atualizada).

⁵ COSTA, Silvia Generali da. **Assédio sexual**: uma versão brasileira. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995. p. 31.

⁶ A BÍBLIA é um livro negro de hermenêutica branca. **CEBI**, São Leopoldo, 19 nov. 2014. Disponível em: <https://cebi.org.br/biblia/a-biblia-e-um-livro-negro-de-hermeneutica-branca-2/>. Acesso em: jul. 2023.



dessas pessoas e na modificação das estruturas sociais e pessoais. Dessa forma, o “processo de subjetivação aparece como núcleo da libertação e capacitação do sujeito para ser dom para outrem, condição para a irrupção do mundo novo”⁷.

Nesse sentido, a Teologia Negra e a Teologia Feminista são questionadas e demonizadas porque não se adaptam às leituras tradicionais e colonialistas.

A hermenêutica hegemônica não permite a leitura biopolítica da bíblia. Nela não se enxerga o controle social, o governo dos corpos, o exercício do poder sobre o cotidiano, o uso da força produtiva do cidadão comum, os pobres da cidade. Da mesma forma, nela também não se permite a racialização da leitura. A ‘lupa racial’ foi quebrada, antes mesmo que pudesse ser usada.⁸

Os termos ‘racialização’ e ‘racismo’ se originaram de outro conceito, o de “raça”, do qual falaremos agora. Constantemente analisamos e julgamos grupos de pessoas a partir desse conceito. De acordo com Peter Nash, a compreensão de “raça como dado biológico nunca existiu; ela tem tão pouco valor científico quanto os cálculos do alquimista medieval na sua tentativa de transformar chumbo em ouro”⁹.

Para Vieira “o conceito de raça foi criado para elaborar e justificar a inferioridade de um povo.”¹⁰ Seu surgimento se deu nos séculos XV e XVI com a expansão marítima europeia e a colonização da América. Pessoas negras foram tiradas de seus países e trazidas à força para servirem de mercadoria, instrumento de trabalho e fonte de lucro. É importante ressaltar que essas pessoas não eram escravas, mas que foram escravizadas neste processo de posse, domínio e poder. Assim, o conceito raça foi usado para legitimar tais atitudes e criar uma classificação entre as pessoas, em que pessoas negras estariam em um nível inferior, com o intuito de “olhar para esse povo e naturalizar, digamos assim, o trabalho escravo”¹¹. Nash também situa o surgimento do conceito em torno do período apontado por Vieira:

Este conceito moderno de raça e a racialização das sociedades [...] são fenômenos de, no máximo, quatrocentos anos. [...] surgiu na mesma época em que se desenvolveu a ciência da antropologia e a quase simultânea aplicação desses paradigmas antropológicos ao estudo das Escrituras Hebraicas, o Antigo Testamento.¹²

⁷ CALDEIRA, Cleusa. Teologia negra e das resistências espirituais afrodescendentes. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 62, n. 1, p. 181-196, 2022. p. 182.

⁸ A BÍBLIA é um livro negro de hermenêutica branca, 2014, [n.p.].

⁹ NASH, Peter T. **Relendo Raça, Bíblia e Religião**. Tradução de Marie Ann Krahn e André Musskopf. São Leopoldo: CEBI, 2005. p. 16.

¹⁰ VIEIRA, Henrique. **O que é racismo?** [S.l.]: 2018. 1 vídeo (13m26s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7kol_BONT5U. Acesso em: out. 2022. Trecho: 0m46s-0m55s.

¹¹ VIEIRA, 2018. Trecho: 1m56-2m02s.

¹² NASH, 2005, p. 17.



Ele completa que “para o estudioso moderno e a estudiosa moderna da Bíblia, é mais uma justificativa para o estudo de raça nos estudos bíblicos.”¹³ Contudo, o que se sabe é que o termo raça, biologicamente falando, deixou de ser usado desde a metade do século XX. Desde então, outro termo pareceu ser uma alternativa: etnia¹⁴. “Derivado da palavra grega *ethnos* (povo), etnia é um grupo de pessoas que se diferenciam das demais por afinidades culturais, históricas, linguísticas, morfológicas.”¹⁵ Porém, para Munanga, mudar os termos para designar povos negros não acaba com o racismo, porque, segundo ele, “as vítimas de hoje são as mesmas de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje”¹⁶.

A partir de tal compreensão, utilizaremos neste artigo o termo etnia e/ou pessoas negras. Porém, ressalta-se que muito mais do que alternância de termos, é preciso antes uma conscientização de como é estruturada a sociedade, que considera a hierarquização de pessoas e culturas como modelo sociopolítico. Dessa forma, além da hierarquização entre etnias, há ainda a hierarquização entre os gêneros; tal estrutura organizacional é denominada patriarcado, e pode ser definida como:

Regime de dominação e subordinação em que o homem, geralmente o pai, patriarca, mantenedor e provedor, ocupa a posição de centralidade na família. Ele representa a autoridade máxima, na medida em que todos na casa, inclusive esposas e filhos, devem-lhe obediência plena¹⁷.

De acordo com Wacker, patriarcado é o conjunto de todas as forças que se opõem às perspectivas e ações das mulheres que as permitam se realizarem em sua plena humanidade¹⁸. Ainda,

Patriarcado é um termo legal, respectivamente político, que se refere ao domínio concreto do pater familias sobre sua casa, isto é, não somente sobre sua família propriamente dita (esposa, filhos e filhas), mas também sobre seus assalariados/as e escravos/as. Isso indica ao mesmo tempo, o componente econômico do conceito, respectivamente a correspondente realidade social.¹⁹

¹³ NASH, 2005, p. 17.

¹⁴ ÓRÍ-ÂFRÌKÀ', Náhàn. Raça ou Etnia? **Ofensiva Negritude**, [S.l.], 03 dez. 2010. [n.p.]. Disponível em: <https://ofensivanegritude.blogspot.com/2010/12/raca-ou-etnia.html>. Acesso em: out. 2022.

¹⁵ ÓRÍ-ÂFRÌKÀ', 2010, [n.p.].

¹⁶ MUNANGA, 2004 *apud* ÓRÍ-ÂFRÌKÀ', 2010, [n.p.].

¹⁷ CASTRO, Ana B. Cândido; SANTOS, Jakciane Simões dos; SANTOS, Jássira Simões dos. Gênero, patriarcado, divisão sexual do trabalho e a força de trabalho feminina na sociabilidade capitalista. In: SEMINÁRIO CETROS, 6., 2018, Ceará. *Anais [...]*. Ceará: UECE, 2018. p. 5.

¹⁸ WACKER, Marie-Theres. Fundamentações Históricas, hermenêuticas e metodológicas. In: SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. **Exegese feminista**: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST/CEBI; São Paulo: ASTE, 2008. p. 11-79. p. 50-52.

¹⁹ WACKER, 2008, p. 50.



A partir desse conceito, percebe-se que o patriarcado não está presente apenas dentro da casa, mas sim que essa forma de organização pode ser aplicada a todas as formas de relação entre homens e mulheres, podendo ser doméstica, familiar, matrimonial, econômica, política, empresarial, religiosa, entre outras.

No contexto brasileiro, é necessário considerar que o país foi colonizado em meados do século XVI e sofreu forte influência dos povos colonizadores, neste caso, os europeus que trouxeram consigo valores, costumes e tradições, conforme “o Brasil é fruto de uma colonização exploratória-escravocrata-patriarcal-racista-cristã e foi sob esta base que desenvolvemos nossos valores, nossa cultura, nossa economia”²⁰. A partir disso, constata-se e ressalta-se que no Brasil, o período colonial foi também o início de um período patriarcal e racista, características que ainda prevalecem como elementos de organização social e podem ser comprovados através da observação das relações sociais atuais²¹.

A situação torna-se mais complexa quando vinculamos o patriarcado ao racismo a partir de dinâmicas *kyriarçais*. Este neologismo foi desenvolvido por Elisabeth Schüssler-Fioreza em 1992 para “nomear as estruturas múltiplas sócio-políticas e religiosas da opressão e desumanidade sistemáticas”²² e acrescentar um agravante ao patriarcalismo que tem sua base e seu centro no Senhor (do grego *kyrios*) que determina novos níveis de dominação e subordinação.

O poder kyriarcal opera não somente junto com o eixo de gênero, mas também com os de raça, classe, cultura e religião. Estes eixos de poder estruturam os sistemas mais generalizados de dominação, numa matriz (ou melhor, ‘patriz’) — numa espécie de modismo, ou numa tendência a acolher o que é mais badalado — entrelaçando os sistemas de opressão.²³

O agravante existe porque a opressão passa a receber uma face mais específica que é a do Senhor branco, hétero e de classe alta que domina não somente as mulheres, filhos, filhas, empregados e empregadas da casa, mas seu poder expande para a igreja, mídias sociais, cidade, estado e novos países com o único intuito de maior poder e domínio. Vilhena identifica que essas condições sociais e históricas foram construídas e naturalizadas ao ponto de tornarem-se senso comum criando espaços sociais duplos ou triplamente vitimados pela

²⁰ VILHENA, Valéria Cristina. A trama discursiva do feminicídio: como fica a honra masculina? *In*: BLASI, Marcia *et al* (org.). **Vulnerabilidade, Resistência, Justiça**: VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: CEPI, 2020. p. 69-80. p. 70.

²¹ CASTRO; SANTOS; SANTOS, 2018, p. 6.

²² SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. Deus (G*d) trabalha em meio a nós. De uma Política de Identidade para uma Política de Luta. Tradução de Neusa Steiner. **Revista de Estudos da Religião – REVER**, São Paulo, n. 1, p. 56-77, 2002. p. 69.

²³ SCHÜSSLER-FIORENZA, 2002, p. 69.

opressão²⁴. É neste aspecto que a interseccionalidade pode auxiliar na compreensão da temática.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.²⁵

A interseccionalidade é uma ferramenta que busca demonstrar que as pessoas estão tendo contato direto e constante por sistemas distintos que culminam em múltiplas vulnerabilidades e desigualdades. Isso acontece porque a interseccionalidade compreende que a opressão de gênero, etnia, classe e afins são combinadas e incorporadas na estrutura da sociedade, hierarquizando e subalternizando pessoas. Tal estrutura social define que determinados marcadores sociais são superiores em relação a outros e que, alguns marcadores devem estar em condição inferior, demarcando e instalando locais sociais predefinidos para as pessoas. Dessa forma, os sistemas de opressão e desigualdade normalmente são identificados como dicotômicos e hierárquicos, ou seja, etnia (branca > negra), gênero (homem > mulher) e classe social (classe alta > classe baixa). Ainda, outras questões podem e devem ser inseridas na análise, como sexualidade, educação, religião, gerações, espaços, profissões e outras.

A questão dos marcadores sociais e a implicação das dinâmicas de desigualdade é uma noção abstrata e contínua, que interfere diretamente na vivência pessoal e social de cada pessoa e torna-se ainda mais complicada quando aplicada a um contexto extremamente preconceituoso como o brasileiro.

ANÁLISE DE CONTEXTO

A partir dos marcadores sociais apontados pela interseccionalidade e neste artigo, é possível identificar e apontar as singularidades entre as pessoas e as diferenças que se dá a partir deles na vivência dessas pessoas. Esta vivência, tanto real quanto representada pela mídia, serve como auxílio e influência na construção de novas trajetórias, seja empoderando e libertando pessoas, ou reforçando e legitimando espaços e lugares sociais de discriminação e desigualdade.

²⁴ VILHENA, Valéria Cristina. Resultados de uma pesquisa: uma análise da violência doméstica entre as mulheres evangélicas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2010. p. 7.

²⁵ CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. p. 177.



As informações disseminadas em novelas, mídias sociais, jornais têm uma característica fundamental merecedora de análise: a significação de mundo construída pelos sujeitos que estão em contato com essas representações de mundo, mesmo fora de um ambiente acadêmico. Como negar a influência dessas mídias sobre as formações das identidades sociais, as tomadas de decisões, a resolução de problemas em várias esferas do cotidiano?²⁶

Dessa forma, considera-se que a mídia é uma produção de sentidos e linguagem que é montada pela e para a grande massa. No Brasil, é a principal fonte de informação de mais de 40% da população jovem²⁷, sendo que “fontes de informação não se restringem apenas a meios tradicionalmente científicos”²⁸ e por isso acabam sendo também representação da sociedade, demonstrando algumas das vivências que são e podem ser experimentadas por pessoas que estão/são atravessadas por diversos marcadores sociais, especificamente etnia e gênero.

O Brasil é o segundo maior país negro no mundo – perdendo apenas para a Nigéria, na África²⁹ – já que 56% da população brasileira se declara afrodescendente³⁰; porém, ao mesmo tempo, é um dos países que mais comete violência contra essa parcela da população.

Segundo o *Atlas da Violência 2021*, 77% das pessoas assassinadas no Brasil são negras³¹ e esses dados se agravam cada vez mais se analisarmos com a ótica de gênero, sexualidade e classe social. O único índice alto no Brasil, com a população negra, é a violência cometida para com eles e elas.

A partir disso, iniciamos um debate a respeito da representatividade negra no Brasil e no mundo, para ver quais os avanços e retrocessos que ela pode inserir na sociedade e se ela pode justificar os dados apresentados acima. Começando pelo âmbito da política, em 2022, no Brasil, de acordo com a CNN, é a primeira vez em que a maioria das candidaturas é de pessoas que se declaram pretas ou pardas. De acordo com a notícia divulgada online pela plataforma, “foram registradas 14.015 candidaturas negras (49,57%) e 13.814 brancas (48,86%) para as eleições gerais deste ano. Entre os negros, são 3.936 pretos (13,92%) e 10.079 pardos

²⁶ CERIGATTO, Mariana Pícaro. **Diálogos possíveis entre competências informacional e midiática: revisão da literatura e posicionamento de instituições da área.** 2018. 264 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018. p. 66.

²⁷ CERIGATTO, 2018, p. 70.

²⁸ CERIGATTO, 2018, p. 67.

²⁹ TRIUMPHO, Vera Regina Santos. Coletivo Estadual de educadores negros: compromissos com a educação das relações étnico-raciais. **identidade!** São Leopoldo, v. 6, p. 21-26, 2004. p. 21.

³⁰ PESQUISA Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2020. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707_informativo.pdf. Acesso em: fev. 2023.

³¹ CERQUEIRA, Daniel *et al.* **Atlas da Violência 2021.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: mar. 2023.

(35,65%)”³². E, ao analisar o Estado do Rio Grande do Sul, foi somente neste ano que as primeiras mulheres negras foram eleitas deputadas³³.

De acordo com o Senado, no ano de 2020 nas eleições municipais, o percentual de governantes que declararam origem afro aumentou para 32%, porém, a própria agência aponta para o fato de que ainda está distante da realidade brasileira, porque “o perfil do eleitor brasileiro é majoritariamente de mulheres, negras, com ensino fundamental e com 37 anos. Já o perfil do prefeito eleito é: homem, branco, com ensino superior e 49 anos”³⁴ e que ainda é cedo para apontar se realmente houve um aumento do número de pessoas negras assumindo prefeituras ou se apenas mais pessoas passaram a autodeclarar-se negras ou pardas. No ano de 2022, os resultados apontam que

será a maior representação da história, em ambos os casos. A cada grupo de seis parlamentares, em média, uma será mulher. Um em cada quatro deputados federais será negro. Em ambos os casos, a representação segue bem abaixo da proporção verificada na população.³⁵

Na televisão também é muito raro encontrar representatividade de pessoas negras. Na Rede Globo, uma das maiores e mais influentes redes de televisão aberta do país, somente em fevereiro de 2019 é que uma mulher negra se sentou à bancada do *Jornal Nacional*, que é um dos principais telejornais da rede aberta e um dos noticiários mais assistidos pelo Brasil. O referido jornal está no ar desde 1969³⁶.

No cinema, há muitos casos de pessoas negras estrelando filmes, seriados e novelas, porém, a existência de pessoas negras não significa que há uma representatividade positiva, estimuladora ou empoderadora. Na edição do *Big Brother Brasil 2020*, o ator e cantor Alexandre

³² CERQUEIRA, Carolina; FREUA, Salma. Pela primeira vez nas eleições, candidatos negros serão maioria nas urnas. **CNN**, São Paulo, 30 set. 2022. [n.p.]. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pela-primeira-vez-nas-eleicoes-candidatos-negros-serao-maioria-nas-urnas/>. Acesso em: mar. 2023.

³³ VELLEDA, Luciano. Em feito histórico, RS elege primeiras deputadas negras para AL e Câmara Federal. **SUL 21**, 04 out. 2022. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/politica/eleicoes-2022/2022/10/em-feito-historico-rs-elege-primeiras-deputadas-negras-para-al-e-camara-federal/>. Acesso em dez. 2022.

³⁴ BAPTISTA, Rodrigo. Brasil tem mais negros eleitos, mas sub-representação permanece. **Agência Senado**, Brasília, 18 nov. 2020. [n.p.]. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/11/18/brasil-tem-mais-negros-eleitos-mas-sub-representacao-permanece>. Acesso em: fev. 2023.

³⁵ CASSELA, Vinícius. Brasil elege número recorde de mulheres e negros para a Câmara dos Deputados. **G1**, Brasília, 03 out. 2022. [n.p.]. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/03/brasil-elege-numero-recorde-de-mulheres-e-negros-para-a-camara.ghtml>. Acesso em: fev. 2023.

³⁶ MAJU Coutinho será primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional. **Correio Braziliense**, Brasília, 14 fev. 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/02/14/interna_diversao_arte,737456/maju-coutinho-primeira-mulher-negra-a-apresentar-jornal-nacional.shtml. Acesso em: jan. 2023.



da Silva Santana denunciou o racismo existente na TV e no cinema ao afirmar que os papéis disponíveis para pessoas negras na mídia apenas legitimam e naturalizam estereótipos de discriminação, pois são personagens assaltantes, traficantes, empregadas domésticas, pessoas escravizadas, pessoas que moram em favelas, entre outros³⁷.

Em âmbito internacional, o ano de 2019 foi marcante na premiação do *Oscar*, pois foi a edição da premiação que mais premiou pessoas negras, especialmente mulheres. Porém, ao analisar o todo, é possível perceber que as pessoas negras premiadas somam um total de sete prêmios dentre as vinte e quatro categorias, ou seja, o *Oscar* que mais premiou pessoas negras não chegou a um terço do *ranking* geral. Além disso, na história do *Oscar*, até 2020, mais de 3.140 estatuetas foram entregues desde a primeira cerimônia em 1929, mas apenas 44 foram entregues para profissionais que se declaravam negros, isto é, apenas 2% de estatuetas foram entregues para pessoas negras³⁸.

Halle Berry foi a primeira e única mulher negra a receber um *Oscar* na categoria de melhor atriz, e isto aconteceu em 2002. Na noite da premiação, a atriz iniciou o discurso afirmando: “Este momento é muito maior do que eu. [...]. E é para cada mulher de cor sem nome e sem rosto que agora tem uma chance porque esta porta esta noite foi aberta.”³⁹ Mais de vinte anos depois, nenhuma outra mulher negra recebeu esse prêmio. Este fato demonstra que, os pequenos avanços nas questões raciais e de gênero não são permanentes e requerem ações contínuas para a garantia dessas trajetórias. Sobre o assunto, a própria atriz afirmou recentemente:

‘Eu me sinto completamente de coração partido por não haver outra mulher ao meu lado em 20 anos’, disse Berry, atualmente com 55 anos. ‘Eu pensei, como todo mundo, que aquela noite significava que muitas coisas mudariam, que haveriam outras mulheres. Eu pensei que teria o caminhão do roteiro de volta à

³⁷ RIBEIRO, Kelly. Assaltante, capanga: personagens de Babu mostram o racismo na TV e no cinema. **UOL**, Rio de Janeiro, 13 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2020/03/13/babu-santana-e-o-racismo-estrutural-na-tv-e-no-cinema-o-que-temos-a-ver.htm>. Acesso em: jan. 2023.

³⁸ MALVA, Pamela. Diversidade em Hollywood: os negros vencedores do Oscar. **Aventuras na História**, [S.l.], 09 fev. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/diversidade-em-hollywood-os-negros-vencedores-do-oscar.phtml>. Acesso em: fev. 2023.

³⁹ BERRY *apud* MENDES, Priscila. Há 20 anos, primeira mulher negra levava Oscar de Melhor Atriz. **Agência Brasil**, Brasília, 24 mar. 2022. [n.p.]. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2022-03/ha-20-anos-primeira-mulher-negra-levava-oscar-de-melhor-atriz#:~:text=E%20%C3%A9%20para%20cada%20mulher,o%20Oscar%20de%20Melhor%20Atriz>. Acesso em: nov. 2022.



minha porta da frente e eu teria a oportunidade de desempenhar qualquer papel que eu quisesse. Isso não aconteceu. Nenhuma outra mulher está lá'.⁴⁰

Mesmo sendo premiada com o maior prêmio da história do cinema, a atriz não recebeu novas possibilidades de atuação em projetos renomados e nenhuma outra mulher negra recebeu o prêmio desde então. Esta situação aponta para o fato de que, para mulheres negras, reconhecimento, o primeiro lugar ou a melhor premiação mundial não é suficiente para as equiparar nos quesitos gênero e etnia. E tal percepção deve e pode ser ampliada para áreas acadêmicas, empresariais, tecnológicas e afins.

Ainda assim, muitas produções estão dando a devida voz a essa população. O filme *Pantera Negra* de 2018 surpreendeu muitas pessoas, quando exibiu nos cinemas um longa-metragem com 100% de pessoas negras no *casting* principal, ou seja, o elenco principal do filme era composto apenas por pessoas negras. Este também é o primeiro super-herói negro a ganhar um filme solo e o primeiro super-herói negro da Marvel, tendo surgido em 1966 como coadjuvante nos quadrinhos do quarteto fantástico⁴¹. Com a morte do ator principal do filme, *Chadwick Boseman* (1976-2020), muitas pessoas usaram as redes sociais para expressar o quanto aquele filme foi importante na trajetória de cada um e cada uma. Ter na TV e no cinema um exemplo e uma representação é fundamental para a construção de identidade de crianças, jovens e pessoas adultas. Além do já citado, filmes como *A mulher Rei* e *Wakanda Forever*, ambos lançados em 2022, também trouxeram elencos majoritariamente negros, protagonismo feminino, além de muita história e cultura afro.

Mais recentemente o *trailer* do novo live-action da Disney surpreendeu e movimentou as mídias sociais e a internet. O filme *A pequena sereia* que tem previsão de lançamento para maio de 2023, foi alvo de ataques na internet por escalar uma atriz negra para interpretar a sereia protagonista do filme. O vídeo recebeu mais de 1,5 milhões de *dislikes* (não curtidas) no *Youtube* e diversos comentários racistas na página e no *Twitter* a respeito da etnia correta para a sereia, de que isso seria um erro, causaria prejuízos e muitas outras ofensas; por outro lado, o vídeo de uma criança negra assistindo ao *trailer* em êxtase por perceber ser igual a sereia demonstra a força e poder que a mídia tem, a importância de representação negra e o quanto isso pode modificar a vida, ambição, autoestima e trajetória da vida de pessoas negras. Em resposta aos ataques na internet, a atriz que dará vida a sereia Ariel, afirmou a importância da presença de pessoas negras na mídia, na cultura, nas oportunidades e na sociedade como um todo, quando

⁴⁰ BERRY *apud* SANTOS, Bruno Botelho dos. Há 20 anos, nenhuma mulher negra ganha Oscar de Melhor Atriz. **ADOROCINEMA**, [S.l.], 07 fev. 2022. [n.p.]. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-162320/>. Acesso em: dez. 2022.

⁴¹ PANTERA Negra – O Símbolo Além do Herói e sua Trajetória! **NSV Mundo Geek**, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.nsvmundogeek.com.br/curiosidades/pantera-negra-o-simbolo-alem-do-heroi-e-sua-trajetoria/>. Acesso em: jan. 2023.



durante uma entrevista disse: “Estou tão grata pelo que isso fará por todos os meninos e meninas pretos e pardos que se verão em mim. Se eu tivesse visto alguém como eu quando era mais jovem, acho que toda a minha perspectiva teria mudado”⁴².

Sendo assim, é possível perceber através dessa breve análise que as pessoas negras, especificamente as mulheres negras, estão sendo constantemente subalternizadas, desacreditadas, silenciadas, excluídas e violentadas, mas além de tudo, estão sendo bombardeadas com informações e representações nas mídias sociais que naturalizam e legitimam esse espaço às margens da sociedade. Nos últimos anos, diversos grupos, instituições e movimentos sociais têm-se organizado, gerando debates e ações em prol da transformação da sociedade de modo que todas as pessoas, cada qual em sua singularidade, seja respeitada e dignificada.

APROXIMANDO OS OLHARES

Nesta perspectiva, as teologias negra e feminista fomentaram o diálogo no âmbito eclesial e apontaram que o discurso religioso também necessita reinventar-se e ressignificar conceitos, questões e linguagens no intuito de promover, dentro dos templos, um espaço seguro, acolhimento e de respeito para com todas as pessoas. Na América Latina, desde a década de 70 com a Teologia da Libertação, e especialmente nos anos 1990 com a primeira publicação brasileira sobre teologia negra com Peter Nash, o assunto tornou-se parte do meio acadêmico, porém sabe-se que muito antes disso, as pessoas negras já enfrentavam conflitos e lutas em busca da promoção e garantia de seus direitos. Na Bíblia também são encontrados relatos dessa natureza:

Os conflitos raciais foram, na melhor das hipóteses, negligenciados da hermenêutica hegemônica. Nenhum esforço para evidenciar que o conflito narrado no capítulo 12 do livro de Números é marcado pelo racismo. Miriã e Arão se indignam com a escolha de Moisés por uma mulher preta. É preta no hebraico, e traduzida apenas como ‘etíope’, cuxita (Nm 12.1-9). E é muito provável que é pelo receio da hostilidade por ser preta que a amada no livro dos Cânticos pede para que seu amado não atente para isso, ou seja, para o fato dela ser preta (Ct 1.5, 6). O profeta Jeremias é salvo por intervenção de um subalterno, eunuco, preto (Jr 38.7, 8), serviçal no reino, que ousa apelar ao rei para ajudar o profeta.⁴³

Por isso, se torna cada vez mais necessário conhecer e promover reflexões interseccionais da Bíblia, apontando para questões de gênero e etnia. De acordo com Mena-

⁴² BAILEY *apud* TRAILER de "A Pequena Sereia" divide a internet entre ataques racistas e celebração da representatividade. **Época Negócios**, [S.l.], 14 set. 2022. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2022/09/trailer-de-pequena-sereia-divide-internet-entre-ataques-racistas-e-celebracao-da-representatividade.html>. Acesso em: mar. 2023.

⁴³ A BÍBLIA é um livro negro de hermenêutica branca, 2014, [n.p.].



López, há na Bíblia muitas mulheres negras que foram silenciadas, esquecidas, pouco lembradas ou mal interpretadas na literatura bíblica. Dentre elas, destaca-se “a escrava Agar (Gn 16 e 21); Séfora, a mulher de Moisés (Nm 12.1); a sulamita do Cântico dos Cânticos (Ct 1.5); a rainha de Sabá (1 Rs 10.1-13)”⁴⁴.

A maioria das hermenêuticas e dos métodos de leitura da Bíblia que temos em mãos hoje é fruto de uma interpretação *kyriarcal*, ou seja, ocidental, unilateral, que privilegiou determinados grupos de pessoas e inferiorizou outros e é neste contexto de exclusão e desigualdade que é desenvolvida a hermenêutica da suspeita. A hermenêutica da suspeita, desenvolvida a partir da teologia e hermenêutica feminista, não busca apenas identificar as mulheres no texto bíblico, mas, também, questionar pela presença, pela ausência, pelo silêncio, pela intencionalidade do autor, pela função do texto e afins, criando uma forma de interpretação que “se aplicava não só às construções socioculturais, políticas e econômicas, mas também ao discurso e à prática religiosa”⁴⁵. É importante ressaltar que deslocando a ênfase e foco para as mulheres, pessoas negras e outros grupos vulneráveis em um contexto patriarcal e racista como o nosso, não espera-se desenvolver uma forma de organização social baseada em discriminação invertida, mas busca possibilitar uma nova versão das histórias que foram e que são contadas.

Ler a Bíblia a partir de uma ótica negra e feminista é identificar e resgatar a participação que as mulheres e o povo negro tiveram para a história de Israel e também questionar pela história que não foi e não é contada. Para Mena-López, tal leitura:

quer proporcionar um espaço de denúncia e resistência. De denúncia porque sendo um povo rico vivemos hoje em miséria graças às ideologias colonialistas, escravistas e racistas. De rainhas passamos a ser escravas, cozinheiras, mal assalariadas, trabalhadoras noturnas e mães solteiras. Espaço de resistências cultural e religiosa, pois nestes textos vemos como as mulheres resistem e inventam estratégias para resistir ao patriarcado.⁴⁶

A hermenêutica negra e feminista é um novo caminho para a descoberta e a valorização da pluralidade religiosa e cultural presente nos textos sagrados e também nas sociedades ocidentais do século XXI. Quer ser um espaço de construção de cultura e conhecimento, resgate das memórias de um povo e fonte de inspiração e motivação na luta por uma vida melhor. Por muito tempo, a Bíblia esteve inacessível às pessoas em situação de vulnerabilidade ou que não tinham cargos de autoridade política ou eclesiástica e, mesmo depois que começaram a fazer parte de suas vidas, as Sagradas Escrituras ainda se mantiveram distantes de suas realidades

⁴⁴ MENA-LÓPEZ, Maricel. Leitura da Bíblia desde uma perspectiva negra e feminista. **identidade!**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 3-5, 2001. p. 3.

⁴⁵ DEIFELT, Wanda. A luta continua: Interseccionalidade como Lente Epistemológica. **Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 5-20, 2015. p. 10-11.

⁴⁶ MENA-LÓPEZ, 2001, p. 5.

cotidianas. Ainda assim, as dores provocadas por interpretações hegemônicas se tornaram próximas até demais, tornando concreta uma teologia do sofrimento⁴⁷.

Ler e interpretar os textos bíblicos sob a ótica da pessoa negra é praticamente impossível, num rápido e primeiro momento, para uma pessoa não negra, pois o local da dor não é o mesmo. E a dor também é uma chave hermenêutica. Contudo, é possível iniciar os primeiros passos através da empatia, escuta e do movimento de “sair da própria casa para encontrar-se na casa dos outros. É uma verdadeira conversão para um outro olhar”⁴⁸.

Economia, política, religião, afetividade e cultura são alguns dos inúmeros espaços em que as pessoas negras sofrem as consequências da intersecção de marcadores sociais. Esse é o seu lugar da dor. Todo tipo de discriminação entre grupos de pessoas por causa de etnia é derivado do processo de embranquecimento moral da sociedade, onde “o negro é suspeito, o branco é confiável; o negro suja, o erro do branco é coisa normal; a religião do negro é inferior ou demoníaca, a do branco é superior e divina”⁴⁹. Assim também ocorre com a estereotipagem da estética; o negro é ruim e feio; o branco, bom e bonito. Não há como se aproximar de uma leitura negra da Bíblia ignorando esses aspectos. É preciso e possível que se encontre a libertação que um texto bíblico guarda.

A teóloga afro-brasileira Sílvia Regina de Lima Silva aponta um caminho para encontrar essa força. Para a autora existem quatro chaves de leitura que facilitam esse caminho⁵⁰. A primeira é promover o **encontro com o Deus Libertador**, isto é, resgatar o olhar compassivo de Deus para com o Israel. “Certamente, vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor [...] por isso, desci a fim de livrá-lo” (Êx 3.7, 8). Nessa direção, recupera-se também a importância da figura de Agar: “a mãe libertadora que nos ajuda a crer ‘naquele que vive e que me vê. (Gn 16,13)”⁵¹.

A segunda chave de leitura é colocada sob a ação libertadora do Deus que impele o povo à busca da vida com dignidade. **A criação à imagem e semelhança de Deus** (Gn 1.26) é um texto muito conhecido por muitas pessoas. Porém, é preciso ler e reler esse texto de outro lugar. Primeiro, reconhecendo o povo negro como pertencente à família de Deus, portanto, tendo

⁴⁷ SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano de. Bíblia e negritude: em defesa da palavra. In: SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano de; FRISOTTI, Heitor; SILVA, Marcos Rodrigues da. **Bíblia e negritude: caminhos de aproximação**. São Paulo: Koinonia, 1995. p. 5-10. p. 7.

⁴⁸ FRISOTTI, Heitor. Povo negro e Bíblia: caminhos de aproximação. In: SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano de; FRISOTTI, Heitor; SILVA, Marcos Rodrigues da. **Bíblia e negritude: caminhos de aproximação**. São Paulo: Koinonia, 1995. p. 11-22. p. 11.

⁴⁹ FRISOTTI, 1995, p. 12.

⁵⁰ SILVA, Sílvia Regina de Lima. Despertando as forças transformadoras do corpo e do texto: Bíblia e Negritude. In: GASS, Ildo Bohn; SANTOS, Sônia Querino dos S.; KRONBAUER, Selenir Córrea Gonçalves. **Negra sim, negro sim, como Deus me criou: leitura da Bíblia na perspectiva da negritude**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia – Grupo Identidade; CEBI, 2006. p. 31-35.

⁵¹ SILVA, 2006, p. 32.



a face de Deus refletida em seus rostos e corpos. Segundo, assumindo que, se fomos feitos à imagem e semelhança de quem nos criou, o nosso Criador também carrega em seu corpo as marcas da discriminação e da exploração que pessoas negras sofreram e sofrem por causa de ideologias opressoras. Uma leitura do texto bíblico que reconhece a singularidade da vida de cada pessoa é um potencializador da vida em abundância. Afinal: “Temos um rosto parecido com a divindade que nos criou. Isso nos faz levantar a cabeça, reconhecer a dignidade e fortalecer a autoestima.”⁵²

A terceira chave de leitura reconhece e afirma que **o povo negro está na Bíblia**. Essa leitura só é possível com a ajuda das quatro categorias de análise oferecidas por Nash⁵³, as quais buscam dar visibilidade a essa presença, minimizada por muito tempo. Procura-se enfatizar que “existem muitos outros textos que confirmam a existência de uma relação entre o povo da Bíblia e a África”⁵⁴.

Através da quarta chave de leitura, dá-se o desafio de levantar suspeitas de um processo de embranquecimento da Bíblia. Por isso, a **leitura pós-colonial e anti-imperialista** também é uma denúncia às ideologias e aos métodos hermenêuticos que privilegiaram determinados “grupos humanos, gêneros, povos e nações”⁵⁵. Usou-se a Bíblia para legitimar a escravidão e a Inquisição. Portanto, uma leitura assim vai além de desmascarar a manipulação das Sagradas Escrituras. É um empoderamento dos grupos discriminados⁵⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou, através de uma análise social e midiática, demonstrar que os sistemas de discriminação e desigualdade não são aleatórios e casuais, mas sim frutos de uma construção combinada e articulada da sociedade que mantém a hierarquização, controle e submissão de determinadas pessoas para o benefício de grupos que são privilegiados com a dinâmica patriarcal, racista e violenta e que é reforçada pela mídia, pela política e pela igreja. A mudança desse cenário, de acordo com Djamila Ribeiro, torna-se possível a partir da mudança de atitudes e posturas, não somente denúncias ou repúdio moral. É necessária a “adoção de práticas antirracistas”⁵⁷. A autora ainda lembra que “o que está em questão não é um posicionamento moral, individual, mas um problema estrutural”⁵⁸ e precisa ser analisado e combatido.

⁵² SILVA, 2006, p. 32-33.

⁵³ SILVA, 2006, p. 33-35.

⁵⁴ SILVA, 2006, p. 34.

⁵⁵ SILVA, 2006, p. 36.

⁵⁶ SILVA, 2006, p. 35-36.

⁵⁷ RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019. p. 13.

⁵⁸ RIBEIRO, 2019, p. 14.



Dar atenção às diferentes formas de opressão é também comprometer-se para que todas elas deixem de existir. Este cuidado nos permite criar redes de solidariedade entre seres vulneráveis. Isto não é mera empatia ou ato de caridade, mas uma crítica profunda aos sistemas que criam hierarquias e negam dignidade e direito. É também um engajar-se e lutar não só contra a opressão que me afeta, mas também pela que causa dor ao meu semelhante.⁵⁹

Dessa forma, a análise social a partir da mídia, as interpretações bíblicas e produções teológicas de gênero e negritude devem assumir uma função plural através da denúncia de todas as formas de opressão e do anúncio da boa nova do Deus libertador e salvador. As formas de denúncia são as mais diversas: podem ser feitas através de denúncias formais junto aos órgãos públicos, através da mídia ou através do combate à toda forma de desigualdade e discriminação. Da mesma forma, o anúncio também pode ser realizado de muitas formas, através do anúncio da palavra, da troca de saberes, ensino e pesquisa, como a aqui desenvolvida.

Além da pesquisa acadêmica, a Igreja ou o discurso religioso, a arte, a mídia e as nossas ações cotidianas devem estar em consonância com um mundo plural e diverso para que consiga adaptar e ressignificar textos bíblicos, dogmas e tradições a fim de que tais construções sejam libertadoras, positivas e simbólicas para cada pessoa vítima do sistema de opressão que censurou suas ideias, suas identidades, seus corpos e suas ações.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA é um livro negro de hermenêutica branca. **CEBI**, São Leopoldo, 19 nov. 2014. Disponível em: <https://cebi.org.br/biblia/a-biblia-e-um-livro-negro-de-hermeneutica-branca-2/>. Acesso em: jul. 2023.

BAPTISTA, Rodrigo. Brasil tem mais negros eleitos, mas sub-representação permanece. **Agência Senado**, Brasília, 18 nov. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/11/18/brasil-tem-mais-negros-eleitos-mas-sub-representacao-permanece>. Acesso em: fev. 2023.

BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 3. ed. rev. e atual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. (Nova Almeida Atualizada).

CALDEIRA, Cleusa. Teologia negra e das resistências espirituais afrodescendentes. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 62, n. 1, p. 181-196, 2022.

CASSELLA, Vinícius. Brasil elege número recorde de mulheres e negros para a Câmara dos Deputados. **G1**, Brasília, 03 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/03/brasil-elege-numero-recorde-de-mulheres-e-negros-para-a-camara.ghtml>. Acesso em: fev. 2023.

⁵⁹ DEIFELT, 2015, p. 18.



CASTRO, Ana B. Cândido; SANTOS, Jakciane Simões dos; SANTOS, Jássira Simões dos. Gênero, patriarcado, divisão sexual do trabalho e a força de trabalho feminina na sociabilidade capitalista. *In: SEMINÁRIO CETROS*, 6., 2018, Ceará. *Anais [...]*. Ceará: UECE, 2018.

CERIGATTO, Mariana Pícaro. **Diálogos possíveis entre competências informacional e midiática**: revisão da literatura e posicionamento de instituições da área. 2018. 264 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018.

CERQUEIRA, Carolina; FREUA, Salma. Pela primeira vez nas eleições, candidatos negros serão maioria nas urnas. **CNN**, São Paulo, 30 set. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pela-primeira-vez-nas-eleicoes-candidatos-negros-serao-maioria-nas-urnas/>. Acesso em: mar. 2023.

CERQUEIRA, Daniel *et al.* **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: mar. 2023.

COSTA, Silvia Generali da. **Assédio sexual**: uma versão brasileira. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DEIFELT, Wanda. A luta continua: Interseccionalidade como Lente Epistemológica. **Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 5-20, 2015.

FRISOTTI, Heitor. Povo negro e Bíblia: caminhos de aproximação. *In: SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano de; FRISOTTI, Heitor; SILVA, Marcos Rodrigues da. Bíblia e negritude*: caminhos de aproximação. São Paulo: Koinonia, 1995. p. 11-22.

MAJU Coutinho será primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional. **Correio Braziliense**, Brasília, 14 fev. 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/02/14/interna_diversao_arte,737456/maju-coutinho-primeira-mulher-negra-a-apresentar-jornal-nacional.shtml. Acesso em: jan. 2023.

MALVA, Pamela. Diversidade em Hollywood: os negros vencedores do Oscar. **Aventuras na História**, [S.l.], 09 fev. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/diversidade-em-hollywood-os-negros-vencedores-do-oscar.phtml>. Acesso em: fev. 2023.

MENA-LÓPEZ, Maricel. Leitura da Bíblia desde uma perspectiva negra e feminista. **identidade!**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 3-5, 2001.

MENDES, Priscila. Há 20 anos, primeira mulher negra levava Oscar de Melhor Atriz. **Agência Brasil**, Brasília, 24 mar. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2022-03/ha-20-anos-primeira-mulher-negra-levava-oscar-de-melhor-atriz#:~:text=E%20%C3%A9%20para%20cada%20mulher,o%20Oscar%20de%20Melhor%20Atriz>. Acesso em: nov. 2022.



MUSSKOPF, André S. Coisas do gênero. In: CASTRO, Amanda Motta Angelo; OLIVEIRA, Kathlen Luana de. **Desigualdade de gênero e as trajetórias latino-americanas: reconhecimento, dignidade e esperança.** São Leopoldo: Faculdades EST, 2014.

NASH, Peter T. **Relendo Raça, Bíblia e Religião.** Tradução de Marie Ann Krahn e André Musskopf. São Leopoldo: CEBI, 2005.

ÓRÍ-ÂFRÌKÀ', Náhàn. Raça ou Etnia? **Ofensiva Negritude**, [S./], 03 dez. 2010. Disponível em: <https://ofensivanegritude.blogspot.com/2010/12/raca-ou-etnia.html>. Acesso em: out. 2022.

PACHECO, Ronilso. **Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito.** Brasília: Novos Diálogos; São Paulo: Recriar, 2019.

PANTERA Negra – O Símbolo Além do Herói e sua Trajetória! **NSV Mundo Geek**, [S./], [s.d.]. Disponível em: <https://www.nsvmundogeek.com.br/curiosidades/pantera-negra-o-simbolo-alem-do-heroi-e-sua-trajetoria/>. Acesso em: jan. 2023.

PESQUISA Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2020. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707_informativo.pdf. Acesso em: fev. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das letras, 2019.

RIBEIRO, Kelly. Assaltante, capanga: personagens de Babu mostram o racismo na TV e no cinema. **UOL**, Rio de Janeiro, 13 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2020/03/13/babu-santana-e-o-racismo-estrutural-na-tv-e-no-cinema-o-que-temos-a-ver.htm>. Acesso em: jan. 2023.

SANTOS, Bruno Botelho dos. Há 20 anos, nenhuma mulher negra ganha Oscar de Melhor Atriz. **ADOROCINEMA**, [S./], 07 fev. 2022. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-162320/>. Acesso em: dez. 2022.

SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. Deus (G*d) trabalha em meio a nós. De uma Política de Identidade para uma Política de Luta. Tradução de Neusa Steiner. **Revista de Estudos da Religião – REVER**, São Paulo, n. 1, p. 56-77, 2002.

SILVA, Sílvia Regina de Lima. Despertando as forças transformadoras do corpo e do texto: Bíblia e Negritude. In: GASS, Ildo Bohn; SANTOS, Sônia Querino dos S.; KRONBAUER, Selenir Côrrea Gonçalves. **Negra sim, negro sim, como Deus me criou: leitura da Bíblia na perspectiva da negritude.** São Leopoldo: Escola Superior de Teologia – Grupo Identidade; CEBI, 2006. p. 31-35.

SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano de. Bíblia e negritude: em defesa da palavra. In: SOUZA JÚNIOR, Vilson Caetano de; FRISOTTI, Heitor; SILVA, Marcos Rodrigues da. **Bíblia e negritude: caminhos de aproximação.** São Paulo: Koinonia, 1995. p. 5-10.

STRÖHER, Marga J. Teologia feminista e gênero – territorialidades, deslocamentos e horizontes. In: FÓRUM MUNDIAL DE TEOLOGIA E LIBERTAÇÃO, 3., 2009, Belém. **Comunicações [...].** Belém: Centro Cultural Tancredo Neves, 2009. p. 507-517.



TRAILER de "A Pequena Sereia" divide a internet entre ataques racistas e celebração da representatividade. **Época Negócios**, [S.l.], 14 set. 2022. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2022/09/trailer-de-pequena-sereia-divide-internet-entre-ataques-racistas-e-celebracao-da-representatividade.html>. Acesso em: mar. 2023.

TRIUMPHO, Vera Regina Santos. Coletivo Estadual de educadores negros: compromissos com a educação das relações étnico-raciais. **identidade!** São Leopoldo, v. 6, p. 21-26, 2004.

VELLEDA, Luciano. Em feito histórico, RS elege primeiras deputadas negras para AL e Câmara Federal. **SUL 21**, 04 out. 2022. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/politica/eleicoes-2022/2022/10/em-feito-historico-rs-elege-primeiras-deputadas-negras-para-al-e-camara-federal/>. Acesso em dez. 2022.

VILHENA, Valéria Cristina. A trama discursiva do feminicídio: como fica a honra masculina? *In*: BLASI, Marcia *et al* (org.). **Vulnerabilidade, Resistência, Justiça**: VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: CEBI, 2020. p. 69-80.

VILHENA, Valéria Cristina. Resultados de uma pesquisa: uma análise da violência doméstica entre as mulheres evangélicas. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2010.

VIEIRA, Henrique. **O que é racismo?** [S.l.]: 2018. 1 vídeo (13m26s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7kol_B0NT5U. Acesso em: out. 2022. Trecho: 0m46s-0m55s.

WACKER, Marie-Theres. Fundamentações Históricas, hermenêuticas e metodológicas. *In*: SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. **Exegese feminista**: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST/CEBI; São Paulo: ASTE, 2008. p. 11-79.

Recebido em: 30 maio 2023.

Aceito em: 26 jul. 2023.